

“A mar” era serenidade e beleza, e a fonte de toda a vida. As suas águas tinham um movimento eternamente repetido — as ondas —, que gerava nos seus filhos, os deuses, algo de indeciso entre o talvez e o possível, a incerteza, a dúvida, e até o medo. Pe. Arlindo de Magalhães.



no princípio,
era o mar

NO PRINCÍPIO, ERA O MAR. E O MAR CHAMAVA-SE TIAMAT, a deusa das mitologias babilónicas e suméricas (em francês ou em espanhol, o mar é um substantivo feminino: la mer, la mar), a mãe de todos os elementos. Os próprios deuses eram seus filhos. E os filhos ficaram todos a viver com ela, Tiamat ou nela. Era em “a mar” que moravam os deuses: Júpiter, o pai dos deuses romanos, morava já aqui acima, na Galiza, no Finisterra.

“A mar” era serenidade e beleza, e a fonte de toda a vida. As suas águas tinham um movimento eternamente repetido — as ondas —, que gerava nos seus filhos, os deuses, algo de indeciso entre o talvez e o possível, a incerteza, a dúvida, e até o medo.

Mas “a mar” era a fonte de toda a vida: certamente muitos conhecem a famosa pintura de Boticelli, *O nascimento de Vénus*, ela a sair das águas do mar.

E, por isso, os antigos gregos e romanos ofereciam “à mar” o sacrifício de cavalos e toiros, símbolos da fecundidade.

Foi de Tiamat, isto é, de “a mar”, portanto, que nasceram os deuses: por isso é que, na Bíblia, antes da Criação, “o espírito de Deus já se movia sobre a superfície das águas” (Gn 1,2): nesse texto bíblico, Deus chamava-se lavé.

Mas os filhos de Tiamat rebelaram-se contra ela. Até lavé pôs regras a Tiamat: “*Reúnam-se as águas que estão debaixo dos céus num mesmo lugar a fim de aparecer a terra seca*” (Gn 1,9). E depois de ter visto que esta decisão foi boa, acrescentou: “*se passas daqui ou dali, quebrar-se-á a altivez das tuas ondas*” (Jb 38,11).

É também verdade que os vários filhos de “a mar” se zangavam entre si. Nesses casos, quem pagava as tempestades éramos sempre nós, os humanos: «... Amaina (disse) amaina a grande vela! / Não esperam os ventos indinados / Que amainassem, mas, juntos dando nela, / Em pedaços a fazem, cum ruído / Que o mundo pareceu ser destruído! / O céu fere com gritos nisto a gente / Cum súbito temor e desacordo.» Quem descreve assim é Camões (*Lusíadas*, VI, 71/72).

Só percebido isto, entendemos os dois textos bíblicos de hoje. Job é claro: *Tu, Tiamat, a mãe ou “a mar”, podes vir até aqui, mas não passarás dacolá* (Jb 38,11). E Marcos: *Cala-te, mar, aqui quem manda sou eu!* E o vento e o mar obedeceram-lhe!

Na cultura judaica, o mar (resquícios de Tiamat) é um inimigo de

Deus. Por isso é que, no “novo céu e na nova terra [do Apocalipse], o mar já não existirá” (Ap 21,1). De resto, já Jeremias dizia que “é o Senhor do Universo que agita o mar e que faz rugir as suas ondas” (Jr 31,35).

Por detrás de todo este episódio está, em todo o Médio Oriente, a ideia de que o mar é o detentor dos poderes do caos e do mal que lutavam contra Deus. Controlando a tempestade do mar, Jesus faz o mesmo que Deus e vence as forças do mal. Claro que, à data, se é que o episódio a teve, os discípulos ainda não tinham visto a verdadeira identidade de Jesus. Por isso perguntam “*Quem é este?*”.

Posto que, já no Antigo Testamento, se acreditava que só Deus podia controlar o vento e o mar, a pergunta dos discípulos — “*Quem é este?*” — levava implícita a confissão da divindade de Jesus. Por isso perguntaram “*Quem é este...?*”.

Há dias, um velho companheiro que não via há uns bons 50 anos, interpelou-me na rua..., eu olhei-o e ele, não sei se afirmou, se me perguntou: “És o Arlindo... que eu já venho atrás de ti há um bocado”. Eu parei, olhei-o e disse: “Dá cá um abraço, Zé Moca!”.

“*Quem é este homem a quem até o vento e o mar obedecem*”. Ponham no fim da frase um? ou um! que é a mesma coisa.

Termino com o Papa Francisco na sua recente encíclica: «Jesus vivia em plena harmonia com a criação, com grande maravilha dos outros: «*Quem é este, a quem até o vento e o mar obedecem?*» (Mt 8, 27). Não se apresentava como um asceta separado do mundo ou inimigo das coisas aprazíveis da vida. Falando de si mesmo, declarou: «Veio o Filho do Homem que come e bebe, e dizem: “*Aí está um glutão e bebedor de vinho*”» (Mt 11, 19). Encontrava-Se longe das filosofias que desprezavam o corpo, a matéria e as realidades deste mundo. Todavia, ao longo da história, estes dualismos combalidos tiveram notável influência nalguns pensadores cristãos e desfiguraram o Evangelho. Jesus trabalhava com suas mãos, entrando diariamente em contacto com matéria criada por Deus, para a moldar com a sua capacidade de artesão. É digno de nota que a maior parte da sua existência terrena tenha sido consagrada a esta tarefa, levando uma vida simples que não despertava maravilha alguma: «*Não é Ele o carpinteiro, o filho de Maria?*» (Mc 6, 3).

Pe. ARLINDO DE MAGALHÃES. Homilia para o 12 Domingo do Tempo Comum, 20.06.2021.

um Poema para a Igreja do Torne
(NA REDEDICAÇÃO DA IGREJA DE S. JOÃO EVANGELISTA))

CASA DE DEUS

**A casa de Deus está assente no chão
Os seus alicerces mergulham na terra
A casa de Deus está na terra onde os homens
estão**

**Sujeita como os homens à lei da gravidade
Porém como a alma dos homens trespassada
Pelo mistério e a palavra da leveza**

**Os homens a constroem com materiais
Que vão buscar à terra
Pedra vidro metal madeira cimento cal
Com suas mãos e pensamento a constroem
Mãos certeiras do pedreiro
Mãos hábeis do carpinteiro
Mão exacta do pintor
Cálculo do engenheiro
Desenho e cálculo do arquitecto
Com matéria e luz e espaço a constroem
Com atenção e engenho e esforço e paixão a
constroem**

**Esta casa é feita de matéria para habitação do
espírito
Como o corpo do homem é feito de matéria e
manifesta o espírito
A casa é construída no tempo**

**Mas aqui os homens se reúnem em nome do
Eterno**

**Em nome da promessa antiquíssima feita por
Deus a Abraão**

A Moisés a David e a todos os profetas

Em nome da vida que dada por nós nos é dada

É uma casa que se situa na imanência

Atenta à beleza e à diversidade da imanência

Erguida no mundo que nos foi dado

**Para a nossa habitação nossa invenção nosso
conhecimento**

Os homens a constroem na terra

Situada no tempo

Para a habitação da eternidade

Aqui procuramos pensar reconhecer

Sem máscara, ilusão ou disfarce

E procuramos manter nosso espírito atento

Liso como a página em branco

**Aqui para além da morte da lacuna da perda e
do desastre**

Celebramos a Páscoa

Aqui celebramos a claridade

Porque Deus nos criou para a alegria

(Páscoa de 1990)

SOPHIA DE MELLO BREYNER ANDRESEN,

in OBRA POÉTICA (Assírio & Alvim, 2015).

**na celebração dos seus 25 anos
de ordenação episcopal.
D. ANTÓNIO MARIA BESSA TAIPA,
bispo auxiliar emérito do Porto,
na quinta-feira, 20 de junho.**



“Fiz caminho em Igreja, em espírito de missão e serviço”, disse o bispo auxiliar emérito do Porto na celebração dos seus 25 anos de ordenação episcopal. Deu graças a Deus por todo o seu percurso de vida,

com especial referência aos tempos de reitor do Seminário Maior do Porto e de formador de várias gerações de sacerdotes“.

A Catedral do Porto encheu-se para a Eucaristia no Jubileu Episcopal de D. ANTÓNIO MARIA BESSA TAIPA, bispo auxiliar emérito do Porto, na quinta-feira, 20 de junho. Presentes muitos irmãos no episcopado, vindo de várias partes do país, com especial destaque para as presenças de D. José Ornelas, bispo de Leiria-Fátima e presidente da Conferência Episcopal e dos cardeais António Marto e Américo Aguiar.

Presentes também o Presidente da Câmara Municipal de Paços de Ferreira, Humberto Brito e o Presidente da Junta de Freguesia de Freamunde, Arménio Ribeiro, de onde é natural D. António Taipa.

Na sua homilia, D. António Taipa sublinhou que “é Jesus que nos procura”. “Somos testemunhas de

Jesus de Nazaré, da sua Palavra e do Seu agir”, assinalou.

“**Fiz caminho convosco Igreja do Porto**”, afirmou. “**Fiz caminho em Igreja, em espírito de missão e serviço**”, disse o bispo auxiliar emérito do Porto na celebração dos seus 25 anos de ordenação episcopal. Deu graças a Deus por todo o seu percurso de vida, com especial referência aos tempos de reitor do Seminário Maior do Porto e de formador e professor de várias gerações de sacerdotes.

“**Com a minhas limitações e pecados**”, apontou D. António Taipa “**procurei viver a minha filiação a Maria na sua frase ‘faizei aquilo que o meu Filho vos disser’**”, concluiu D. António Taipa.

D. Manuel Linda, bispo do Porto, no final da Eucaristia, ofereceu um anel episcopal a D. António Taipa, frisando que essa oferta recorda todo o seu serviço à diocese do Porto. Assinalou que foi de D. António Taipa que recebeu os destinos da diocese, na sua qualidade de Administrador Diocesano. “O senhor ama a Diocese com um amor total e a Diocese tem por si a mais elevada estima”, disse D. Manuel Linda.

O bispo do Porto lembrou o sentido de humor e a afetividade natural do jubilado D. António Taipa, em particular, no seu trabalho como formador no Seminário. “E todos sentíamos um Superior-pai, um formador que fazia caminho com o formando, um coração quente que não

In jornal *Voz Portucalense*.

deixava arrefecer o nosso”, declarou D. Manuel Linda.

D. António Maria Bessa Taipa nasceu em Freamunde a 11 de novembro de 1942. Foi ordenado presbítero a 15 de agosto de 1966. Em 1967 segue para Roma para estudar Teologia Dogmática e Sagrada Escritura. Regressa a Portugal para ser professor e formador de sacerdotes. Foi reitor do Seminário Maior do Porto entre 1979 e 1999. Nesse mesmo ano foi nomeado bispo auxiliar do Porto pelo Papa João Paulo II tendo sido ordenado a 18 de abril. Após o falecimento de D. António Francisco dos Santos, em 2017, D. António Taipa foi Administrador Diocesano até à entrada de D. Manuel Linda como bispo do Porto em 2018.